

Para seu preparo acesse www.ippaulistana.org.br. Clique em mensagens e procure por *Carta à igreja de Esmirna*, do Dr. Alderi Souza de Matos. Se preferir acesse <http://migre.me/gTgR9>.

EPÍSTOLA DE POLICARPO

Uma carta da igreja primitiva

O autor dessa carta é Policarpo, que foi bispo de Esmirna na metade do 2º séc. Ele foi professor de Irineu e de outros. Recebeu Inácio e encorajou-o, quando ele esteve de passagem em Esmirna, como um prisioneiro escoltado para Roma. Policarpo se descreveu uma vez como tendo sido servo de Cristo por “oitenta e seis anos” (*Martyrdom of Polycarp IX, 3*). Provavelmente, portanto, ele nasceu numa família cristã. Foi levado à morte pelas autoridades civis porque recusou-se a negar suas opiniões cristãs. A data de sua morte tem sido calculada com variações. Se os dados do *Martírio de Policarpo* (q.v.) forem aceitos, ela ocorreu em 23 de fevereiro de 155 ou em 22 de fevereiro de 156. Eusébio, por outro lado, que conhecia o *Martírio*, colocou a data no reinado de Marco Aurélio, quando houve perseguições na Ásia, cerca de 167 d.C. (Euseb. *Hist.* IV. XV 1).

De acordo com Eusébio, Irineu disse que Policarpo escreveu várias epístolas (Euseb. *Hist.* V. xx. 8). Contudo, essa aos Filipenses é a única existente. Em 1936, P. N. Harrison propôs a tese de que essa não era uma única epístola, mas sim duas, que haviam sido unidas. A primeira, composta do capítulo 13 e talvez 14, era uma breve cobertura para acompanhar o despacho a Filipos das cópias das cartas de Inácio, que eles haviam pedido. A data seria no início de setembro do ano em que Inácio morreu, talvez 110. Os primeiros doze capítulos, por outro lado, foram escritos, talvez, vinte anos mais tarde, por volta de 130. Embora essa tese seja possível e foi aceita por Kleist e favorecida por Quasten, não parece muito provável que esteja correta. O fato de que, no capítulo 9, dizer-se que Inácio estava morto e, no capítulo 13, Policarpo pedir por “algo definido que você tenha aprendido” acerca dele, não requer a suposição das duas epístolas. É muito normal procurar informação sobre as circunstâncias da morte de um amigo. Havia docetistas antes de Marcião, a quem Harrison atribui as referências no capítulo 7. Na verdade, a referência a Inácio no capítulo 9 parece um pouco estranha após vinte anos ou mais, a menos que ele fosse elevado ao grau de Paulo e dos outros apóstolos, o que não ocorreu. Eusébio considerava a epístola uma unidade, uma vez que ele citou as duas partes (Euseb. *Hist.* III, xxxvi, 13-15) como uma carta contínua. Ela deveria provavelmente ser datada, então, em cerca de 115.

O conteúdo da carta é notável por suas várias citações dos livros que compunham o NT. A quantidade de citações e reflexões é extraordinária. O corpus paulino foi constantemente consultado. R. M. Grant encontra todas as epístolas paulinas (exceto Filemom) refletidas, “incluindo treze alusões às pastorais” (*Apostolic Fathers*, I, 67). Efésios 4.26 é citado como “Escritura” (12, 1). Mateus, Lucas, Atos, Hebreus e 1 Pedro são outras fontes favoritas. Os presbíteros e diáconos, não os bispos, são os oficiais da igreja mencionados. Há uma forte ênfase na vida de retidão e nas boas obras. Jesus veio verdadeiramente em carne, morreu e foi ressuscitado. Deve-se orar pelos imperadores, governadores e perseguidores.

A língua original era o grego, mas todos os MSS gregos descendem de um original defectivo que termina com IX, 2 e continua no texto de Barnabé. A VS Latina fornece o texto

para os capítulos restantes, exceto para a maior parte do 13, que é citado por Eusébio. Há algumas citações disponíveis em siríaco.

BIBLIOGRAFIA. J. B. Lightfoot, *The Apostolic Fathers*, Parte II, *S. Ignatius, S. Polycarp*, vols. 1-3 (2 ed. 1889); P. N. Harrison, *Polycarp's Two Epistles to the Philippians* (1936); J. A. Kleist (*The Didache, The Epistle of Barnabas, The Epistles and the Martyrdom of St. Polycarp*, etc.), *Ancient Christian Writers* 6, 1948); R. M. Grant, *The Apostolic Fathers*, I (1964). *Veja também PAIS APOSTÓLICOS*, esp. para textos e traduções. P. WOOLLEY

MARTÍRIO DE POLICARPO

Uma carta da igreja primitiva, que reconta a morte de um bispo.

Carta enviada pela Igreja de Esmirna à Igreja em Filomélio, recontando o martírio de Policarpo, bispo de Esmirna, por mais de cinquenta anos, até sua morte. Filomélio era um pequeno centro na Pisídia, próximo à fronteira frígia, cerca de 402 km a leste de Esmirna. A carta é um dos primeiros registros de um martírio cristão e sua genuinidade é visível. O registro foi feito por um certo Marcião (XX, 1), não o famoso herege, e foi escrito por Euaristo.

O corpo principal do texto contém uma saudação e vinte capítulos. Há dois capítulos suplementares. O primeiro desses declara a data da morte de Policarpo. O segundo varia na forma, mas indica que Gaio copiou o MS a partir dos arquivos de Irineu, que Sócrates (Isócrates) copiou de Gaio, em Corinto, e Pionio copiou de Gaio.

Baseados no capítulo 21, C. H. Turner, por meio de um método, e E. Schwartz, por outro, calcularam a data da morte como sendo 22 de fevereiro de 156. Permanece, porém, o fato de que Eusébio colocou a data entre 166/177. Talvez ele não conhece o vigésimo-primeiro capítulo.

Irineu disse que viu Policarpo quando menino, e que ele foi ordenado a seu ofício pelos apóstolos (Irin. *Her.* III. iii. 4). Quando idoso, Policarpo visitou Roma para discutir com Aniceto o problema de uma data uniforme para a observância da Páscoa. Eles, porém, não chegaram a um acordo.

O registro leva o leitor atual a uma ativa participação nas atitudes, sofrimentos e períodos de suspense desses cristãos vigorosos e leais do 2º séc. Uma descrição geral da mente desses cristãos é seguida pela história da morte de um deles, Germânico. Uma precaução contra a autoacusação é ilustrada pelo exemplo de Quinto, que apostatou. A prisão de Policarpo numa fazenda onde se refugiava foi vividamente relatada. Ele orou em alta voz por duas horas por indivíduos e pela igreja em todo o mundo. Na arena, as sérias tentativas do procônsul para fazê-lo retratar-se foram em vão. “Oitenta e seis anos eu o tenho servido, e ele nunca falhou comigo. Como eu poderia blasfemar o meu rei?” Ele foi, portanto, queimado vivo na arena, perante os espectadores.

As vívidas frases no registro refletem suposições trinitarianas (cp. cap. 14, por exemplo). A ideia é que a morte abençoada faz os anjos aparecerem (caps. 2, 3).

Há uma grande quantidade de MSS gregos do texto, extensas citações em Eusébio e uma VS Latina. H. von Campenhausen, de Heidelberg, argumentou que há algumas interpolações por uma mão posterior nos textos gregos. Isso é provável, até certo ponto. Eusébio, por exemplo (Euseb. *Hist.* IV. xv. 39), em seu registro, omite a declaração de que uma pomba ficou do lado de Policarpo quando ele foi apunhalado. Mas basicamente o texto é confiável.

BIBLIOGRAFIA. H. F. von Campenhausen, “Bearbeitungen und Interpolationen des Polycarp-martyriums” em *Sitzungsberichte der Heidelberger Akademie der Wissenschaften* (1957), Nº 3. *Veja POLICARPO*, EPÍSTOLA DE, e PAIS APOSTÓLICOS, especialmente para textos e traduções. P. WOOLLEY

Enciclopédia da Bíblia Cultura Cristã, vl. 4, org. Merrill C. Tenney

Professor, o artigo *A relevância dos Credos e Confissões*, de Heber Carlos de Campos, será muito útil em seu preparo e lhe ajudará, por extensão, a entender o benefício das boas decisões conciliares. Procure-o na internet ou acesse <http://migre.me/gXmZ6>.

CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER Capítulo XXXI DOS SÍNODOS E CONCÍLIOS

I. Para melhor governo e maior edificação da Igreja, deverá haver as assembleias comumente chamadas sínodos ou concílios. Em virtude do seu cargo e do poder que Cristo lhes deu para edificação e não para destruição, pertence aos pastores e aos outros presbíteros das igrejas particulares criar tais assembleias e reunir-se nelas quantas vezes julgarem útil para o bem da Igreja.

Referências bíblicas: At 15.2,4,6; At 20.17,28; Ap 2.1-6

II. Aos sínodos e concílios compete decidir, ministerialmente, controvérsias quanto à fé e casos de consciência; determinar regras e disposições para a melhor direção do culto público de Deus e governo da sua Igreja; receber queixas em caso de má administração e autoritativamente decidi-las. Os seus decretos e decisões, sendo consoantes com a Palavra de Deus, devem ser recebidos com reverência e submissão, não só pelo seu acordo com a Palavra, mas também pela autoridade pela qual são feitos, visto que essa autoridade é uma ordenação de Deus, designada para isso em sua Palavra.

Referências Bíblicas: At 16.4; At 15.27-31

III. Todos os sínodos e concílios, desde os tempos dos apóstolos, quer gerais quer particulares, podem errar, e muitos têm errado; eles, portanto, não devem constituir regra de fé e prática, mas podem ser usados como auxílio em uma e outra coisa.

Referências bíblicas: At 17.11; 1Co 2.5; 2Co 1.24

IV. Os sínodos e concílios não devem discutir nem determinar coisa alguma que não seja eclesial; não devem imiscuir-se nos negócios civis do Estado, a não ser por humilde petição em casos extraordinários, ou por conselhos, em satisfação de consciência, se o magistrado civil os convidar a fazê-lo.

Referências bíblicas: Lc 12.13,14; Jo 18.36; Mt 22.21

O NOVO NASCIMENTO

Deuteronômio 30.6; Ezequiel 36.26-27; Romanos 8.30; Tito 3.4-7

Quando Jimmy Carter foi eleito presidente dos Estados Unidos, descreveu a si mesmo como um “cristão nascido de novo”. Charles Colson, que fora o homem de confiança do presidente Nixon, escreveu um livro intitulado *Born Again* [Nascer de novo], no qual descreveu sua própria experiência de conversão ao cristianismo. Desde que essas duas personalidades famosas popularizaram a frase nascer de novo, ela tem se tornado parte do discurso moderno.

Descrever alguém como um cristão nascido de novo é, tecnicamente falando, cometer uma redundância. Não existe algo como um cristão não nascido de novo. Um cristão não regenerado (não nascido de novo) é uma contradição de termos. Semelhantemente, um não cristão nascido de novo também é uma contradição.

Foi Jesus quem primeiro declarou que o novo nascimento espiritual era uma absoluta necessidade para se entrar no Reino de Deus. Ele declarou a Nicodemos: “Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus” (Jo 3.3). A expressão a menos que, no ensino de Jesus, sinaliza uma condição universalmente necessária para ver e entrar no Reino de Deus. O novo nascimento, portanto, é uma parte essencial do cristianismo; sem ele, é impossível a entrada no Reino de Deus.

Regeneração é o termo teológico usado para descrever o novo nascimento. Refere-se a uma nova geração, um novo gênesis, um novo princípio. É mais do que simplesmente “virar uma página”; marca o início de uma nova vida, numa pessoa radicalmente renovada. Pedro fala dos crentes que “fostes regenerados, não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente” (1Pe 1.23).

A regeneração é obra do Espírito Santo naqueles que estão espiritualmente mortos (ver Ef 2.1-10). O Espírito recria o coração humano, vivificando-o da morte espiritual para a vida espiritual. Pessoas regeneradas são novas criaturas. Aqueles que anteriormente não tinham nenhuma disposição, inclinação ou desejo para com as coisas de Deus, agora estão dispostos e inclinados para com Deus. Na regeneração, Deus implanta um desejo por ele próprio no coração humano, que de outra maneira não estaria lá.

A regeneração não deve ser confundida com a plena experiência de conversão. Assim como o nascimento é nossa iniciação, nossa primeira entrada na vida fora do ventre materno, assim nosso novo nascimento espiritual é o ponto de partida de nossa vida espiritual. Acontece pela iniciativa de Deus e é um ato soberano, imediato e instantâneo. A conscientização da nossa conversão pode ser gradual. Mesmo assim, o novo nascimento em si é instantâneo. Ninguém pode nascer de novo parcialmente, assim como uma mulher não pode ficar parcialmente grávida.

A regeneração não é o fruto ou o resultado de fé. Pelo contrário, *a regeneração precede a fé*, como a condição necessária para a fé. Também não temos em nós mesmos participação nenhuma na regeneração, ou seja, não cooperamos como colaboradores do Espírito Santo para que ela seja realizada. Não escolhemos ou decidimos ser regenerados. Deus decide nos regenerar antes mesmo de decidirmos abraçá-lo. Em suma, *depois* que somos regenerados pela graça soberana de Deus, decidimos agir, cooperar e crer em Cristo. Deus não exerce fé por nós. É por meio de nossa própria fé que somos justificados. O que Deus faz é nos injetar a vida espiritual, nos resgatando das trevas, da escravidão e da morte espiritual. Deus torna a fé possível e disponível a nós. Ele gera a fé em nosso interior.

Verdades essenciais da fé cristã, R.C. Sproul, Editora Cultura Cristã

CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER

Capítulo XI DA JUSTIFICAÇÃO

I. Os que Deus chama eficazmente, também livremente justifica.¹ Essa justificação não consiste em Deus infundir neles a justiça, mas em perdoar os seus pecados e em considerar e aceitar as suas pessoas como justas. Deus não os justifica em razão de qualquer coisa neles operada ou por eles feita, mas somente em consideração da obra de Cristo; não lhes imputando como justiça a própria fé, o ato de crer, ou qualquer outro ato de obediência evangélica, mas imputando-lhes a obediência e a satisfação de Cristo,² quando eles o recebem e se firmam nele pela fé, que não têm de si mesmos, mas que é dom de Deus.³

Referências bíblicas: ¹Rm 8.30; Rm 3.24,27,28; ²2Co 5.19,21; Tt 3.5-7; Ef 1.7; Jr 23.6; ³Jo 1.12; Jo 6.44,45; At 10.43,44; Fp 1.20; Ef 2.8

II. A fé, assim recebendo e assim se firmando em Cristo e em sua justiça, é o único instrumento de justificação;⁴ ela, contudo, não está sozinha na pessoa justificada, mas sempre anda acompanhada de todas as outras graças salvadoras; não é uma fé morta, mas obra pelo amor.⁵

Referências bíblicas: ⁴Jo 3.16,18,36; Rm 3.28; Rm 5.1; ⁵Tg 2.17,22,26; Gl 5.6

III. Cristo, pela sua obediência e morte, pagou plenamente a dívida de todos os que são justificados, e, em lugar deles,⁶ fez a seu Pai uma satisfação própria, real e plena.⁷ Contudo, como Cristo foi pelo Pai dado em favor deles,⁸ e como a obediência e a satisfação dele foram aceitas em lugar deles,⁹ ambas livremente e não por qualquer coisa neles existente, a justificação é só da livre graça,¹⁰ a fim de que tanto a justiça restrita como a abundante graça de Deus sejam glorificadas na justificação dos pecadores.¹¹

Referências bíblicas: ⁶Rm 5.8,9,18; ⁷Mt 3.17; 2Tm 2.5,6; ⁸Hb 10.10,14; Rm 8.32; ⁹2Co 5.21; ¹⁰Ef 5.2; ¹¹Rm 3.26; Ef 2.7

IV. Deus, desde toda a eternidade, decretou justificar todos os eleitos;¹² e Cristo, no cumprimento do tempo, morreu pelos pecados deles e ressuscitou para a justificação deles;¹³ contudo, eles não são justificados enquanto o Espírito Santo, no tempo próprio, não lhes aplica, de fato, os méritos de Cristo.¹⁴

Referências bíblicas: ¹²Gl 3.8; 1Pe 1.2,19,20; ¹³Gl 4.4; 1Tm 2.6; Rm 4.25; 1Pe 1.21; Cl 1.21,22; ¹⁴Tt 3.4-7

V. Deus continua a perdoar os pecados dos que são justificados.¹⁵ Embora eles nunca possam decair do estado de justificação,¹⁶ poderão, contudo, incorrer no paternal desagrado de Deus, e ficar privados da luz do seu rosto, até que se humilhem, confessem os seus pecados, peçam perdão e renovem a sua fé e o seu arrependimento.¹⁷

Referências bíblicas: ¹⁵Mt 6.12; 1Jo 1.7-9; 1Jo 2.1,2; ¹⁶Lc 22.32; Jo 10.28; ¹⁷Sl 89.31-33; Sl 32.5

VI. A justificação dos crentes sob o Antigo Testamento era, em todos esses aspectos, a mesma justificação dos crentes sob o Novo Testamento.¹⁸

Referências bíblicas: ¹⁸Gl 3.9,13,14; Rm 4.22,24

Principais lances da vida de Lutero

1518 – Defende a sua teologia em uma reunião dos agostinianos em Heidelberg. Em outubro, comparece diante do cardeal Cajetano em Augsburg, mas recusa retratar-se; em dezembro, Frederico, o Sábio, impede que Lutero seja levado a Roma.

1520 – A bula papal Exsurge Domine dá-lhe 60 dias para retratar-se ou ser excomungado. Ele queima a bula papal e um exemplar da lei canônica. Escreve três documentos fundamentais: À Nobreza Cristã da Nação Alemã, O Cativo Babilônico da Igreja e A Liberdade do Cristão. A Reforma alastra-se pela Alemanha e Europa.

1521 – É excomungado pela bula Decet Romanum Pontificem, de Leão X. Em abril, na Dieta de Worms, recusa renegar os seus escritos e no mês seguinte um edito o condena como herético e proscrito. É sequestrado e ocultado no Castelo de Wartburg, onde começa a traduzir o Novo Testamento. Protegido pelo príncipe eleitor.

1522 – Em março, deixa o seu esconderijo e retorna a Wittenberg. No ano seguinte, escreve Sobre a Autoridade Temporal. É publicado o seu Novo Testamento em alemão.

1524 – Tem um debate com Andreas Bodenstein Karlstadt sobre a Ceia do Senhor. Explode a Revolta dos Camponeses.

1525 – Escreve Contra os Profetas Celestiais; escreve Contra as Hordas, criticando a Revolta dos Camponeses. Casa-se com Catarina von Bora. Escreve O Cativo da Vontade, contra Erasmo. Morre Frederico, o Sábio.

1526 – Escreve a Missa Alemã. Na Dieta de Spira, os príncipes se recusam a aplicar o Editto de Worms. No ano seguinte, luta contra enfermidades e intensa depressão; escreve “Castelo Forte”. Escreve contra as ideias de Zuínglio acerca da Ceia do Senhor.

1529 – Dieta de Spira: intolerância contra os luteranos. Surge o nome “protestantes”. Lutero comparece com Zuínglio ao Colóquio de Marburg, mas não chegam a um acordo sobre a Ceia do Senhor. Publica o Grande Catecismo e o Pequeno Catecismo.

1531 – Começa a lecionar sobre Gálatas.

1532 – Escreve Sobre os Pregadores Infiltradores e Clandestinos. Recebe o mosteiro agostiniano de Wittenberg como sua residência.

1534 – Publica a Bíblia Alemã completa.

1542 – Redige o seu testamento. No ano seguinte, escreve Sobre os Judeus e suas Mentiras.

1545 – Escreve Contra o Papado de Roma, uma Instituição do Diabo. Morre o arcebispo Alberto de Mogúncia e tem início o Concílio de Trento.

1546 – Lutero morre no dia 18 de fevereiro em Eisleben. Sua esposa morre em 1552.

Perguntas para trabalhar com os grupos:

GRUPO I (“Não temas, pelo contrário, fala e não te cales”)

- Por que a cidade de Corinto era um local estratégico?
- De que modo vemos a providência de Deus na pregação do apóstolo Paulo?
- Mesmo perseguido Paulo cumpriu sua missão, e nós?

GRUPO II (A Reforma na Inglaterra)

- Como a invenção de Gutenberg contribuiu para a expansão dos ideais dos reformadores?
- Anos de perseguição de Maria Tudor X Tempos de paz de Elisabete. Como você vê esse contraste?
- Em que momento (desses da pergunta anterior), você acredita que a igreja de hoje está vivendo (guerra ou paz)?

GRUPO III (O Puritanismo)

- Qual é o principal aspecto do puritanismo?
- Ashbel G. Simonton, primeiro missionário presbiteriano no Brasil, era descendente de escoceses-irlandeses. De que modo você percebe a ação e o governo de Deus nos reinos desse mundo?

GRUPO IV (Reforma na Escócia)

- Quem é o principal nome da Reforma na Escócia?
- Por que, na Escócia, os calvinistas receberam outro nome?

A PLENITUDE DO ESPÍRITO SANTO

por Leandro Lima

A Plenitude do Espírito Santo é a vida idealizada por Deus para todos os crentes. É o segredo do sucesso espiritual e a garantia da felicidade e da realização de cada pessoa. Quando criou o ser humano à sua imagem, Deus estabeleceu um relacionamento íntimo com ele. Esse relacionamento se quebrou por causa do pecado. Em Jesus Cristo o ser humano é restaurado ao relacionamento pessoal com Deus no nível mais elevado: passa a ser habitação do Espírito. Assim, podemos desfrutar do maior benefício imaginável. Sem essa plenitude, somos muito pouco diferentes da maioria das pessoas. A plenitude nos torna realmente diferentes.

Uma obra contínua

Como diz Stott, “... quando falamos do batismo do Espírito estamos nos referindo a uma concessão definitiva; quando falamos da plenitude do Espírito estamos reconhecendo que é preciso *apropriar-se contínua e crescentemente deste dom*”.¹ Portanto, reconhecer que o batismo é uma experiência da qual não participamos não faz de nós pessoas inativas. Temos a responsabilidade da plenitude do Espírito.

Porém, devemos entender bem: em lugar algum a Bíblia nos manda buscar o batismo com o Espírito, pois, todos o recebemos quando cremos. Porém, a Bíblia nos manda buscar a plenitude, o enchimento do Espírito. Isso nos leva ao entendimento de que é bem possível alguém ter sido batizado com o Espírito, mas se esvaziar desse Espírito e precisar ser enchido novamente. Não significa que ele será batizado outra vez, pois o batismo é único, porém, ele será enchido novamente, pois a plenitude é algo a ser buscado sempre.

No dia do Pentecostes (At 2) os discípulos receberam o batismo e a plenitude do Espírito. O batismo nunca mais se repetiu, mas a plenitude sim. Em Atos 4, a Igreja enfrentou a primeira perseguição. Os sacerdotes prenderam os apóstolos e os lançaram na prisão. Após interroga-los, exigiram que não falassem mais no nome de Jesus e lhes fizeram ameaças (At 4.1-3,18,21). Quando foram soltos, os crentes se reuniram e começaram a orar: “Senhor, olha para as suas ameaças e concede aos teus servos que anunciem com toda a intrepidez a tua palavra, enquanto estendes a mão para fazer curas, sinais e prodígios por intermédio do nome do teu santo Servo Jesus” (At 4.29,30). Lucas relata a resposta de Deus àquela oração: “Tendo eles orado, tremeu o lugar onde estavam reunidos; todos ficaram cheios do Espírito Santo e, com intrepidez, anunciavam a palavra de Deus” (At 4.31). Eles já haviam sido batizados com o Espírito, mas precisaram de um novo enchimento do Espírito para continuar a obra de Deus.

Enchei-vos do Espírito

Em Efésios 5.18 Paulo diz: “... não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito”. A primeira coisa que notamos no texto é a expressão: “enchei-vos”. O verbo está no *modo imperativo*, o que significa que é uma *ordem* a ser obedecida. Devemos considerar essa ordem tão importante quanto as outras que a Bíblia nos dá, como, por exemplo, não matar, ou pregar o Evangelho. Temos a obrigação e a responsabilidade de

¹ 1 John Stott. *Batismo e Plenitude do Espírito Santo*. 2ª Edição. São Paulo: Edições Vida Nova, 1986, p. 35

sermos cheios do Espírito. O verbo está no *tempo presente*, expressando uma experiência que se renova num processo permanente, contínuo, pelo qual vamos, cada vez mais, sendo dominados por ele, passando a ter a nossa mente, o nosso coração e a nossa vontade – o ser integral –, submetidos ao Espírito. Por isso, podemos interpretar o texto de Efésios 5.18, como que Paulo dizendo: “Sede constantemente, momento após momento, controlados pelo Espírito”. Outro aspecto importante é que o verbo está no *plural*, o que indica que a ordem é direcionada a *todos* os crentes, assim, todos os crentes têm a obrigação de serem cheios do Espírito Santo. Além disso, o verbo está na voz *passiva*, o que demonstra que a ação de encher é do Espírito e não nossa. Uma boa tradução poderia ser “deixai o Espírito vos encher”. Mas isso não significa que sejamos passivos. Como veremos abaixo, alguém fica cheio bebendo.

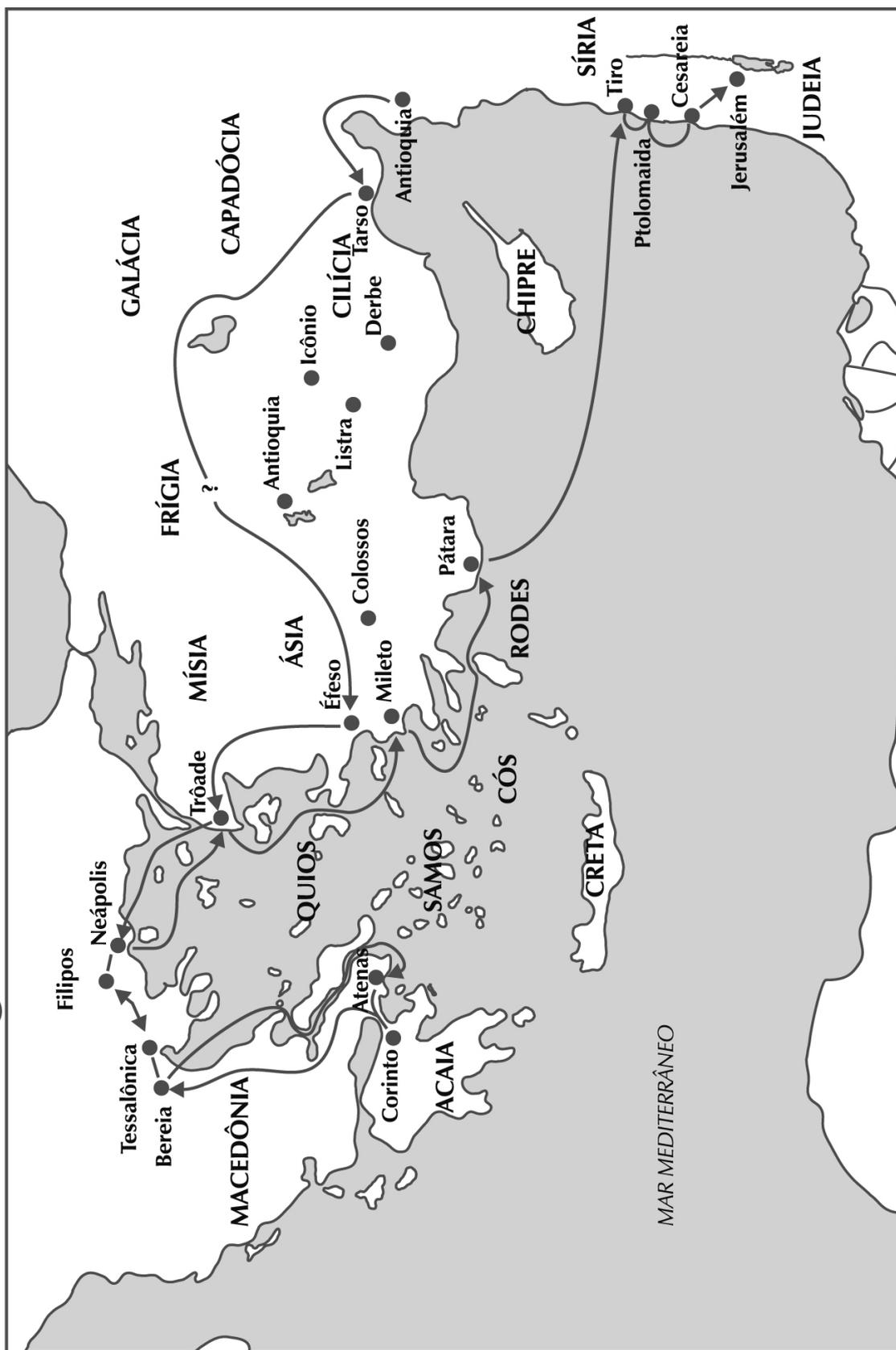
Paulo faz um contraste entre a embriaguez – que gera a dissolução de todos os bons costumes, devassidão e libertinagem – e o enchimento do Espírito. Portanto, em vez de procurar a excitação desenfreada da bebida, ou a embriaguez como recurso para fugir de seus problemas pelo entorpecimento de suas mentes, devem os crentes buscar o discernimento do Espírito para compreender a vontade de Deus (Ef 5.17). O enchimento do Espírito produz consciência, não a perda do controle por meio da ênfase na emoção em detrimento da razão. Para que o contraste ficasse bem claro, Paulo não usa para o enchimento do Espírito o verbo “embriagar”. Antes, nos fala de um enchimento consciente e santamente voluntário. A expressão do Espírito conduz-nos a emoções santas; a emoção mundana limita toda a sua vida ao corpo, substituindo a alegria do Espírito pela intoxicação alcoólica. O cristão, ao contrário, busca o sentido da plenitude da sua existência, na plenitude do Espírito. “O Espírito Santo opera diferentemente. Não exige uma mente vazia; ao contrário, enche e controla a mente. Traz ordem e profundidade ao conhecimento, às afeições e às emoções. (...) O álcool é destruidor dos sentidos, mas o Espírito Santo é construtivo.”²

O álcool leva a perda do controle, e faz com que sejam tomadas atitudes impróprias, já o Espírito nos dá autocontrole, bom senso, e faz com que nossas atitudes sejam responsáveis.

Revista Expressão, 3º tr 2004, Editora Cultura Cristã

² Erroll Hulse, *O Batismo do Espírito Santo*. São José dos Campos, SP.: Fiel, 1995, p. 113.

A terceira viagem missionária de Paulo



O PACTO DE LAUSANNE

A melhor forma de se avaliar Lausanne é apreciando o pacto elaborado no Congresso, escrito sob a direção do teólogo John Stott:

- 1. O propósito de Deus.** Ele chamou do mundo um povo para si, enviando-o novamente ao mundo como seus servos e testemunhas, para estender o seu reino, edificar o corpo de Cristo, e também para a glória do seu nome.
- 2. A autoridade e o poder da Bíblia.** Afirmamos a inspiração divina, a veracidade e autoridade das Escrituras tanto do Antigo como do Novo Testamento, em sua totalidade, como única Palavra de Deus escrita, sem erro em tudo o que ela afirma, e a única regra infalível de fé e prática. Também afirmamos o poder da Palavra de Deus para cumprir o seu propósito de salvação.
- 3. A unicidade e a universalidade de Cristo.** Afirmamos que há um só Salvador e um só evangelho, embora exista uma ampla variedade de maneiras de se realizar a obra de evangelização. Não existe nenhum outro nome pelo qual importa que sejamos salvos.
- 4. A natureza da evangelização.** Evangelizar é difundir as boas novas de que Jesus Cristo morreu por nossos pecados e ressuscitou segundo as Escrituras, e de que, como Senhor e Rei, ele agora oferece o perdão dos pecados e o dom libertador do Espírito a todos os que se arrependem e creem.
- 5. A responsabilidade social cristã.** Embora a reconciliação com o homem não seja reconciliação com Deus, nem a ação social evangelização, nem a libertação política salvação, afirmamos que a evangelização e o envolvimento sócio-político são ambos parte do nosso dever cristão. A salvação que alegamos possuir deve estar nos transformando na totalidade de nossas responsabilidades pessoais e sociais. A fé sem obras é morta.
- 6. A igreja e a evangelização.** A igreja ocupa o ponto central do propósito divino para com o mundo, e é o agente que ele promoveu para difundir o evangelho. Mas uma igreja que pregue a Cruz deve, ela própria, ser marcada pela Cruz.
- 7. Cooperação na evangelização.** Instamos para que se apresse o desenvolvimento de uma cooperação regional e funcional para maior amplitude da missão da igreja, para o planejamento estratégico, para o encorajamento mútuo, e para o compartilhamento de recursos e de experiências.
- 8. Esforço conjugado de igrejas na evangelização.** Haverá um crescente esforço conjugado pelas igrejas, o que revelará com maior clareza o caráter universal da igreja de Cristo.
- 9. Urgência da tarefa evangelística.** Mais de dois bilhões e setecentos milhões de pessoas, ou seja, mais de dois terços da humanidade, ainda estão por serem evangelizadas.
- 10. Evangelização e cultura.** O desenvolvimento de estratégias para a evangelização mundial requer metodologia nova e criativa. Com a bênção de Deus, o resultado será o surgimento de igrejas profundamente enraizadas em Cristo e estreitamente relacionadas com a cultura local. A cultura deve sempre ser julgada e provada pelas Escrituras.
- 11. Educação e liderança.** Reconhecemos que há uma grande necessidade de desenvolver a educação teológica, especialmente para líderes eclesiais.
- 12. Conflito espiritual.** Cremos que estamos empenhados num permanente conflito espiritual com os principados e potestades do mal, que querem destruir a igreja e frustrar sua tarefa de evangelização mundial. Precisamos tanto de vigilância como de discernimento para salvaguardar o evangelho bíblico.
- 13. Liberdade e perseguição.** Também expressamos nossa profunda preocupação com todos os que têm sido injustamente encarcerados, especialmente com nossos irmãos que estão sofrendo por causa do seu testemunho do Senhor Jesus.
- 14. O poder do Espírito Santo.** A evangelização mundial só se tornará realidade quando o Espírito renovar a igreja na verdade, na sabedoria, na fé, na santidade, no amor e no poder.
- 15. O retorno de Cristo.** Essa promessa de sua vinda é um estímulo ainda maior à evangelização, pois lembramo-nos de que ele disse que o evangelho deve ser primeiramente pregado a todas as nações.